

COMUNICAR A MEMÓRIA

Joana T. Puntel

Prefácio de Paulo Suess

Jornalismo
no coração da
Amazônia



PREFÁCIO

O sumário deste livro nos apresenta peças coloridas de uma tapeçaria amazônica brasileira, em forma de coletânea de textos que perpassam florestas e vilas, rios e igarapés. Fazem-nos ouvir as vozes dos seus habitantes, gritos e canções. Para mim, essas vozes são familiares, como sinos da minha juventude. Cheguei, em 1966, a essa Amazônia. Aprendi, como pároco, a respirar com o povo os ares do baixo Amazonas de Juruti-PA, e depois, como professor do Cenesc, um Instituto inter-regional de Teologia e Pastoral, em Manaus-AM, como morador na então favela da “Compensa”, sem água nem energia elétrica. Em 1979, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) me escolheu secretário da entidade, o que me obrigou, em plena ditadura militar, a viver em Brasília-DF. Desde 1972, com a fundação do Cimi, a Pastoral Indigenista era uma voz profética coletiva que ofereceu à

Igreja a oportunidade privilegiada de revisar a sua pastoral à luz do Evangelho.

Comunicar a memória da Amazônia não é uma aventura privada. É um ato público. Significa comunicar experiências de felicidade e testemunhar feridas abertas ou superficialmente cicatrizadas. Mas o ato de comunicação já faz parte de uma pajelança curativa. A repórter dessa realidade é guardiã e pajé. Não guardiã de cinzas, mas de uma vida que se fez história com todas as suas contradições. Suas reportagens nos trazem a memória de beatos (Frei Damião) e profetas (Helder Camara), povos indígenas do Alto Solimões e missionários audaciosos do Acre, mestres sábios (Alfredinho) e seringueiros destemidos.

Joana Puntel, que muitos leitores conhecem da *Família Cristã*, revista conceituada dos lares brasileiros, é também pajé. Seus escritos são promessas de uma vida reconciliada com a criação inteira que emerge no horizonte de lutas por um mundo sem refugos humanos, e no qual todas as vidas importam. Nessa função de “guardar”, “comunicar”, “sanar” e “prometer”, as memórias da autora exercem uma função missionária e eucarística, a qual nos associa à memória perigosa “de Jesus, que transformou um sepulcro de ponto de chegada em ponto de partida” (Papa Francisco, *Homilia*, 14 de junho de 2020), e a qual comemoramos onde as distâncias da Amazônia e as cristalizações de reservas canônicas nos permitem celebrar a Eucaristia.

Como mostram as memórias de Joana Puntel, oportunidades não faltam para transformar sepulcros em pontos de partida, “partida”, como indica o verbo “partir”, em seu múltiplo sentido: “iniciar uma caminhada”, “rachar” ou “dissecar” narrativas em busca de seu sentido profundo, e “repartir” com os leitores, porque encontrou nelas não só episódios caseiros e regionais, que nos permitiram assistir de camarote a “injustiça e crime” (QA 14) praticados nessa Amazônia. O que acontece nas microestruturas amazônicas, muitas vezes, é ressonância das macroestruturas políticas que nunca desistiram de tratar essa região periférica do Brasil como colônia a ser explorada. O magistério da Igreja nos fala da transformação da globalização “em um novo tipo de colonialismo” (QA 14), bem caracterizado na *Querida Amazônia* do Papa Francisco: “Quando algumas empresas sedentas de lucro fácil se apropriam dos terrenos, chegando a privatizar até a água potável, ou quando as autoridades deixam caminho livre a madeireiros, a projetos minerários ou petrolíferos e a outras atividades que devastam as florestas e contaminam o ambiente, transformam indevidamente as relações econômicas e tornam-se um instrumento que mata” (QA 14).

A Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia* é o documento-síntese da ressonância pessoal do “Sínodo para a Amazônia” (outubro de 2019), que o Papa Francisco apresentou em 2 de fevereiro de 2020. A *Querida Amazônia* é uma carta de amor, sobretudo aos povos indígenas, escrita com clareza analítica, em seu conjunto, porém, com

mais afetividade que efetividade. Havia a expectativa de sinais mais claros para uma Igreja pós-colonial, principalmente na questão dos ministérios, das estruturas administrativas e da abordagem missiológica. Amazônia é uma terra de grandes distâncias geográficas, riquezas ecológicas e diversidades culturais. Ela é “um espelho de toda a humanidade que, em defesa da vida, exige mudanças estruturais e pessoais [...], dos Estados e da Igreja” (*Documento Preparatório para o Sínodo da Amazônia 2*). A descolonização permanece uma tarefa política e pastoral.

Na Encíclica *Laudato Si'*, que é a irmã da mais contextualizada *Querida Amazônia*, o Papa Francisco incentiva uma “nova solidariedade universal” (LS 14), porque “tudo está interligado” (LS 91; 117), os micro e macrosistemas ecológicos estão interligados entre si e com os micro e macrosistemas sociais. Mas também os atores dessas reportagens – que são os informantes da Irmã Joana Puntel, ela mesma, como jornalista, e nós como leitores – todos estamos interligados em uma convivência imaginária e real que não permite sair de braços cruzados dessa leitura. Ela nos obriga a deixar o papel de meros espectadores de lado e transformar nosso conhecimento em sabedoria.

Essa obrigação que emerge dos escritos da Irmã Puntel está revestida da suavidade de um convite, sem dedo em riste, mas urgente. “A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo”

(LS 222). Somos convidados a intervir em um projeto que levou a humanidade à beira de um abismo socioecológico. Somos convidados a puxar os freios de emergência desse projeto, a disponibilizar toda nossa habilidade na criação de outro mundo possível e a assumir nossa responsabilidade por um novo estilo de vida com “sobriedade feliz” (LS 224s). “Responsabilidade” significa a habilidade de acolher perguntas e dar respostas; de acolher, sobretudo, as perguntas dos primeiros habitantes dessa Amazônia, os povos indígenas, sobre a razão e relevância da nossa presença em seus territórios, mas também de dar respostas para e por todos nós e as futuras gerações sobre a seriedade da nossa promessa de assumir um novo estilo de vida e de converter-nos de geógrafos, que conhecem o caminho, em caminhantes.

PAULO SUESS

INTRODUÇÃO

Por que comunicar a memória?

1. O tema da *narração* ocupa neste ano de 2020 a centralidade da mensagem do papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2020): “‘Para que possas contar e fixar na memória’ (Ex 10,2). A vida faz-se história”. “O homem é um ente narrador. Desde pequenos, temos fome de histórias, como a temos de alimento. [...] As narrativas marcam-nos, plasman as nossas convicções e comportamentos [...]” (Francisco, DMCS, 2020).

As histórias de todos os tempos têm um “tear” comum: a estrutura prevê “heróis” – mesmo do dia a dia – que, para encaixar um sonho, enfrentam situações difíceis, combatem o mal, movidos por uma força que os torna corajosos: a força do amor. “Mergulhando dentro

das histórias, podemos voltar a encontrar razões heroicas para enfrentar os desafios da vida” (Francisco, DMCS, 2020).

“[...] fazer memória daquilo que somos aos olhos de Deus, testemunhar aquilo que o Espírito escreve nos corações, revelar a cada um que a sua história contém maravilhas estupendas” (Francisco, DMCS, 2020).

Esta a razão que motivou a presente publicação, ou seja, *Comunicar a memória* do que vivemos e testemunhamos na ação evangelizadora na Amazônia, ao longo de vários anos, e aqui “trazidas à memória” com algumas de nossas reportagens. Não são histórias do passado. É a presença da Igreja, no silêncio, na coragem, na ação, na opção de seguir o Mestre Jesus, na denúncia, na construção de uma vida humana com dignidade, no amor e na doação de missionários que amaram o povo e despertaram o amor de Deus existente em cada pessoa. Tudo isso na paciência, na perseverança, no sofrimento e na alegria de ser um comunicador do Evangelho.

2. Nas aulas de jornalismo e aprendizado do “bem escrever”, aprendi com o professor José Marques de Melo, de saudosa memória, que o jornalismo verdadeiro se executa quando se sai “a campo”: vê-se, ouve-se, sensibiliza-se, informa-se a partir da realidade. Daí que o jornalismo existe não só para informar a sociedade, mas para transformá-la. Por isso ele se torna também uma missão.

Ensinava o professor, à época, que o jornalismo dividia-se em quatro categorias: o informativo, o opinativo,

o interpretativo e o de entretenimento. O jornalismo interpretativo é o que, na atualidade, se chama “jornalismo literário”. Eu sempre me identifiquei com o interpretativo – as reportagens. Não somente informar, mas, a partir do povo, de sua vida, de suas lutas, alegrias, escravidões, conquistas, revelar isso para a sociedade. Não havia internet. Eu chegava à Amazônia, geralmente, por Manaus. A viagem continuava com o barco, doze dias de viagem, convivendo com os viajantes, pelo rio Negro; algumas vezes, pelo rio Solimões, obedecendo às paradas planejadas anteriormente. E outras vezes chegava pelo Acre, ou pelo sul do Pará, atravessando o rio Araguaia em busca da “verdade que vem do povo” – eram tempos duros, de ditadura; outras ainda, pela Ilha do Marajó. Sempre para *Comunicar a memória* (narrativas jornalísticas) do seringueiro, dos povos indígenas, das missões nos rios, da organização das comunidades, da vida dos caboclos, organizando-se em cooperativas, da luta pela terra.

Pela grande força missionária, no Nordeste, não poderíamos deixar de evidenciar nosso encontro com d. Helder Camara, presença profética; nem o significado profundo da doação de fr. Damião, na religiosidade popular; nem do padre Alfredinho, que se converteu atendendo em confissão uma jovem prostituta à beira da morte. Memórias inesquecíveis!

Em todas essas reportagens, a missão da evangelização na Amazônia deixa perceber quanto o jornalismo, bem exercido, associa-se à missão de evangelizar, pois

revela a presença constante da Igreja Católica, ano após ano, no silêncio, na dor, na alegria, na luta de quem acredita no verdadeiro significado da missão: devolver a vida, a dignidade e os direitos, não somente da terra, de “ser gente”.

3. Recentemente, a Igreja realizou um Sínodo para a questão da Amazônia. E o papa Francisco nos presenteou com a Exortação *Querida Amazônia*. É o coração da Amazônia que continua pulsando, pois Francisco se refere à Amazônia como “sujeito” e afirma que ela o inspira para uma ação que leve ao cumprimento de quatro sonhos que, profundamente, revelam a ação missionária a ser continuada naquelas terras de grandes florestas, de pessoas desejosas do bem, da paz e de Deus:

Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e sua dignidade, promovida.

Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana.

Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas.

Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e se encarnar de tal modo na Amazônia que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos.¹

¹ PAPA FRANCISCO. *Querida Amazônia*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Roma, 2020, n. 7.

4. O presente volume, *Comunicar a memória: o jornalismo no coração da Amazônia*, é um contributo também para a área do Jornalismo, no sentido de como pode ser uma missão para a transformação da sociedade. É um reconhecimento pela incessante missão de evangelização da Igreja na Amazônia. É um convite a verificar, fazendo memória.

A necessidade de as realidades serem “tocadas” permanece como parte integrante do exercício jornalístico, não obstante a cultura atual da imaterialidade.

A sensibilização nasce do ver, ouvir e “tocar”, verificando, testemunhando e “contando” os fatos que mantêm viva a memória.